



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

MAIS UMA VEZ: OS PRÉMIOS ESCOLARES

Com efeito, mais uma vez realizou-se nas escolas de Santa Bárbara a festa de Natal que incluiu distribuição de prémios, um almoço, oferecido pela Junta, e ainda recitativos e cantares. À mesma hora realizou-se nas Pedreiras uma festinha semelhante. Nós só pudemos estar no Ramalhão.

Decorreu tudo tal e qual como antigamente, menos a refeição que noutros tempos não havia. Quanto ao orfeão e ao recital de poemas, nada a opôr. Tudo como dantes: uma certa desafinação encantadora, um certo receio pela presença de estranhos, uma hesitação aqui, uma vénia de agradecimento mal esboçada, uma vontade de acabar com aquilo, enfim, uma ternurice.

No que respeita à distribuição de prémios, infelizmente também dizemos que estes foram iguais aos dos nossos tempos, com excepção dos que foram distinguidos pela Fundação Prof. Pio Rodrigues. Efectivamente foram distribuídos pelos alunos, que mais se distinguiram no ano passado, prémios monetários, alguns dos quais no valor de dez escudos, o que, convenhamos, é muito pouco, ou é ridiculamente pouco. Agora, com dez mil reis, compra-se um molete que no nosso tempo, nos

tempos da nossa meninice escolar, custava 20 centavos.

É certo que, lembrou-nos uma professora, o prémio é mais uma dádiva simbólica, uma distinção e, como tal, não se deve ter em conta o valor material daquilo que se dá. É verdade que sim, ou antes, é quase verdade que sim. Realmente, nos jogos olímpicos do mundo antigo, o prémio consubstanciava-se numa coroa de hera, e nos jogos olímpicos de agora, é uma medalha o prémio a receber, que no entanto, frise-se, pode ser de ouro, prata ou cobre. Mas há muito mais do que isso. A glória de ser campeão olímpico, nos idos helénicos, conferia a eternidade e honras que perduravam pela vida fora. Ora essas honras traduzem-se sempre por uma materialidade. Por sua vez os triunfos de hoje fazem abrir contas bancárias com saldos sedutores. É verdade que o objectivo principal dos atletas, ao atingirem performances notáveis, não é propriamente o dinheiro, mas ele logo virá. O prémio Nobel tem uma tradução monetária muito convidativa.

No que concerne aos prémios escolares de Fão, convém reflectir que dez escudos, há 70 anos, equivaliam hoje, se os nossos cálculos não erram, a uns 600 escudos, o que comporta já uma certa materialidade. Por sua vez, se um aluno premiado com dez escudos passa a morar em Esposende ou na Apúlia, para os vir buscar, gasta mais em transporte do que aquilo que recebe.

Insistimos: o prémio tem que possuir uma certa dignidade. Aliás, pelo que podemos observar, é convicção generalizada entre o corpo docente das nossas escolas que os prémios estão na verdade desactualizados. O difícil está na resolu-

ção do problema. É que se põe em causa a vontade dos doadores. Põe e não põe. Quem faz uma doação, age como se estivesse a lidar com moeda de conta. Mas nós temos um exemplo a seguir que é o que faz a Igreja. Há beneméritos que nos seus testamentos deixam uma certa quantia com a obrigação, por parte da entidade recebedora, de mandar celebrar uma missa por sua intenção em cada mês ou em cada semana, *enquanto o mundo for mundo*. Acontece, porém, que passados mais de 20, 50, 100 ou 200 anos, o óbulo deixado não chega nem para uma oitava de missa. Então os responsáveis, ou seja, os fiéis depositários, com a autorização do Papa, arranjam forma, expressão ou reunião que contempla todas as vontades individuais: mandarem celebrar anualmente uma missa por alma de todos os ofertadores, sem discriminar este ou aquele. Tal medida levanta quiçá uma outra questão: até que ponto uma missa por intenção de um único doador contém maior eficácia salvéfica do que aquela celebrada para a redução de penas de 100 doadores? Isto não passa de mera especulação académica, mas que nós gostaríamos de saber, lá isso gostaríamos.

É nosso entendimento que a Direcção da Escola em reunião com a Junta de Freguesia e com a presença de um advogado, encontrará a solução que baste.

Em relação ao prémio Campos Morais conhecemos um seu familiar, um bisneto, que está disposto a actualizar o prémio. Só quer que digam o tem a fazer. Corolariamente entendemos que a freguesia podia, para o mesmo efeito, substituir-se aos doadores que não têm familiares conhecidos.

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

FELIZ GAIFÉM

Todos nós conservamos em memória aquilo a que se poderia chamar *o meu tipo inesquecível*. Este mesmo título apareceu rubricado, durante anos e anos, nas Selecções. Alguém — e foram muitas as pessoas — apresentava ou descrevia um indivíduo com características tais que para sempre o fixaram como objecto da sua admiração.

Qualquer pessoa, supomos, traz dentro do seu imaginário um vulto diferente que o marcou para toda a vida. E nós não fugimos à regra. Prescutando os escaninhos da memória destacamos uma imagem que foi realmente o

ídolo da nossa meninice. E quando referimos a nossa meninice, incluímos todos os rapazes do nosso tempo que conosco ocupavam a rua das Pedreiras para jogarmos o pião, as formas, a bilharda e o imprescindível futebol. Foram eles o Raimundo que está no Brasil, o Flávio que mora no Porto, o Quim Paturra que vive em Matosinhos, o Zé da Virgínia que já morreu, o Neves que residia na casa das Senhoras Marinhas, o Manuel Sá, também falecido, o Maximino que era lá de cima, o Valhisa, cedo desaparecido, o Mário da Suzza que se abrazeirou para sempre, e mais

alguns cujo nome não nos ocorre agora.

Chamava-se o nosso ídolo Feliz Gaifém. Tinha compleição forte e isso já era motivo de admiração. Pensávamos, e tínhamos a certeza, que indivíduo a quem ele deitasse a manápula, não lhe resistia. Por paradoxal que isso pareça, não nos lembra que alguma vez o Sr. Feliz tivesse medido forças com alguém. Para nós seu aspecto invencível era só um supor que assentava numa certeza inabalável.

(Continua na pág. 2)

O BOM JESUS DE FÃO
(Alameda) P. 6

O PRIMEIRO BAR
FLUTUANTE DE FÃO
DATA DE 1842 P. 2

FELIZ GAIFÉM

(Continuado da pág. 1)

Além de ser forte, era um homem rico, ou seja, era um lavrador abastado, e a fila de pobres que aos sábados e até noutros dias de semana lhe batia à porta era uma certeza, uma confirmação daquilo que dele pensávamos quantos aos seus teres e haveres. Alicerçava-se esta hipótese no facto de nunca alguém que batesse àquela porta tivesse saído de lá com as mãos vazias. E que além de forte, o nosso homem das Pedreiras era extremamente generoso. Personificava aquele que antigamente, no tempo dos reis, se chamava um homem-bom e ao mesmo tempo um bom homem. Fornada que lá se fizesse, era na sua grande parte para distribuir pelos necessitados.

Portanto: apresentam-se já três predicados que o exornavam: forte, rico e bondoso. Era no entanto muito mais do que isso. Tinha uma paciência de santo para nos aturar. Conhecíamos a todos pelo nosso nome, sabia de cada um de nós o maior ou menor jeito para a prática do futebol e interessava-se pelos nossos estudos. Esta integração nas nossa vivências e capacidades, o acompanhamento do nosso proveito escolar, adivinhava também de circunstância do seu filho António ser nosso parceiro nos folguedos e na escola.

Onde porém este homem se identificava plenamente conosco era no facto de ser um homem das Pedreiras assumido. Bem sabemos que as Pedreiras eram e são Fão, compõem a nossa terra, mas naquele tempo ser das Pedreiras conferia um estatuto diferente. Havia uma certa emulação que se concretizava ou que se desenvolvia através dos jogos de futebol que se realizavam todos os domingos à tarde nas Rodas. Lembra-nos alguns jogadores desse tempo: o Franklim, Manuel do Coxo, o Mané do Pau (cremos que era o guarda-redes), o Américo Gaifém, o Tone Broa, o Ramiro Xeilho (grande crake), parece-nos que o Laurindo, o Zé da Arminda e outros. Do lado de Fão pontificavam o Xico Glória, o Albertinho, o Amândio Padeiro, o Zeca Barqueira, o Quim Xiquita, o João Condesso, o Adelino Cantoneiro e tantos mais.

No entanto, onde a rivalidade entre Fão e Pedreiras atingia maior expressão era nas festas do Bom Jesus. Havia, como muitos se lembram ainda, duas comissões. A de Fão foi presidida durante muitos anos pelo Joaquim Chita, pai do Neca Chita. A das Pedreiras metia sempre o Feliz Gaifém de parceria com o António Miguel, o Xico Mena (o homem mais alto de Fão), o Manuel Tenente, o tio Gaspar, o Joaquim Galfém, o Amândio e o Américo Gaifém, o José Portela, o Manel da Ana e poucos mais, que nos lembre. Eram quase sempre os mesmos. Não ficamos fora da verdade se dissermos que o chefe deste grupo era tacitamente o tio Feliz. Cada comissão apresentava uma banda de música, uma equipa de tamborileiros (nós chamávamos-lhes trambolheiros) o tapete nas ruas para a procissão do Senhor dos enfermos, e fogo, muitos foguetes e fogo preso onde por vezes as comissões mandavam frases, umas às outras.

Lembra-nos que a comissão da nossa rua mandou numa ocasião esta frase: «Pedreiras saúda Fão» e estamos a ver ainda a cara de caso do Zé Mena, do Feliz e do seu irmão Zé da Olaia, encostados ao «chalet» como quem não quer a coisa, mas atentos às reacções dos de Fão. Era uma rivalidade a sério e o nosso perfil de hoje como que representava a guarda avançada desse latente e às vezes declarada antagonismo. Também por isso gostávamos dele. Também por isso era o nosso ídolo.

Digamos que ele representava e representou durante muitos anos a Comissão das Pedreiras. Era também uma forma de homenagear o Senhor Bom Jesus de quem se revelou muito devoto. Foi por isso mesmo mesário da Irmandade, durante muitos anos, e tesoureiro, na altura em que foi juiz da Confraria do Bom Jesus outro prestante cidadão que foi o Amândio Teixeira.

Um dia, porém — e ainda se podia considerar um homem relativamente novo — adoeceu e, pelos vistos, com uma doença grave que o haveria de levar à sepultura. Foi um espanto para nós. Ele era um herói que não podia adoecer nem tão pouco morrer. Morreu é verdade, mas do fundo dos anos a sua imagem vem até nós envolta sempre numa moldura de admiração. Ele era o maior.

O PRIMEIRO BAR FLUTUANTE DE FÃO DATA DE 1842

Por MANUEL ALBINO PENTEADO NEIVA

Em 9 de Abril de 1842 foi passada a licença N.º 178 em nome de Luiz José da Silva Pires Maciel, da freguesia de Fão, autorizando-o a vender vinho, pão e outros géneros.

Em 1 de Fevereiro de 1843 o Juiz Eleito e do Selo, responsável por esta matéria em Fão, Francisco Dias dos Santos, apresenta queixa contra Luiz Pires Maciel pois esta passara a vender vinho num barco no «alvivo do Rio».

A Câmara Municipal acordou que embora o Luz Pires tivesse licença, não podia vender vinho noutro local que não fosse o seu estabelecimento. A licença foi passada para vender em sua casa e se este não acatasse a decisão da Câmara, esta fecharia o seu estabelecimento e retirar-lhe-ia a licença — Deliberação da Câmara datada de 11 de Fevereiro de 1843, sendo Presidente da Câmara José Justino Fernandes de Azevedo. Imediatamente a seguir apareceu na Câmara o dito vendeiro que afirmou estar disposto a pagar todos os impostos legais, e em 25 de Fevereiro, este comerciante meteu um requerimento na Câmara solicitando autorização para vender vinho sobre o Rio Cávado «pela liberdade que para isso lhe confere a lei e lhe permite, pagando o competente selo de 2000 reis taxado pela tabela de 12 de Maio de 1838».

Sobre esta petição, a Câmara pediu um parecer jurídico ao Delegado da Comarca — Dr. Luiz Martins Villaça, que afirmou «jamais semelhante licença deve ser concedida por ser de conhecido dolo e fraude, pois sendo o Rio Cávado naquele sítio cercado de duas notáveis povoações, e sendo o mesmo rio atravessado em menos de cinco minutos já se vê não precisar de taberna flutuante naquele sítio, servindo só para promover a desordem que V. Ex.ª deve precaver e evitar... Quanto à lei a que fez referência, a de 7 de Abril de 1838, lembro que se refere a rios notáveis e de permanente navegação e não àqueles que estão nas circunstâncias do Cávado. Ao vendeiro deveria ser tomado todo o vinho encontrado e multa correspondente aos direitos não pagos sobre o vinho consumido».

Foi-lhe caducada a licença.

Todo o Processo é desencadeado por queixas apresentadas pelo Rendeiro do Imposto das Areias, Manuel José Barbosa, bem como por muitos moradores que não viam com bons olhos a atitude de Luiz Pires.

É oficiado ao Juiz Eleito e do Selo, em Fão, que deveria atuar o referido vendeiro — Ordem datada de 28 de Fevereiro daquele ano. A agravar toda a situação, Manuel Barbosa denuncia na Câmara Municipal de Esposende a atitude do Juiz Eleito e do Selo pois não terá agido conforme ordens superiores e continuou a deixar que Luiz Pires vendesse no barco.

O Barco — arranjado para taberna localizava-se, desde 4 de Fevereiro de 1843, junto ao Cais de Fão — Passagem do rio.

Os moradores queixavam-se que era perigoso atravessar o rio pois o barco-taberna



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 80 91 018 - 80 83 748 — FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 759 72 06

COLECÇÃO «PÁDUA RAMOS» VAI À BÉLGICA

Por MARIA EMÍLIA CORTE REAL

Há meses atrás, tivemos a oportunidade e a satisfação de aqui dar notícia da actividade artística do Arquitecto Pádua Ramos, nas suas múltiplas facetas, nomeadamente na de coleccionador de objectos de Arte.

Referimos, também, o requinte, a riqueza estética e a categoria que deram oportunidade a que, parte desse acervo, tivesse o honroso lugar que ocupou no Museu Nacional do Azulejo, por convite ao Arquitecto Pádua Ramos, integrado nas actividades da «Lisboa, Capital da Cultura/94», sob a forma de colecção, subordinada ao título «UM SÉCULO DE ARTES DO FOGO — 1890/1990 — PÁDUA RAMOS».

Foram 130 peças de vidro, de cerâmica ou de esmalte, seleccionadas pelo Director do Museu de Artes Decorativas de Paris, Jean-Luc Olivier, que, perante a beleza de todos os projectos, não se conformou em expôr apenas os oitenta previstos.

A mostra abrangeu e documentou uma vasta gama de tendências artísticas, desde o «Art Nouveau» aos «Arts Déco», continuando no período pós guerra e estendendo-se às experiências pós-modernas.

Como prevíamos, o êxito foi completo. A Imprensa e a Televisão deram clara informação do sucesso e da importância do acontecimento.

E o reflexo desse êxito passou fronteiras, e vem agora um convite ainda mais honroso: o Centro Cultural de Hesselhuis, Antuérpia, «pretende a referida exposição», como consta textualmente de ofício enviado pelo Director do Museu Nacional do Azulejo ao Arquitecto Pádua Ramos, em 10 de Outubro.



Manufatura dos Irmãos Daume Louis Majorelle. Taça. Cerca de 1920, vidrosoprado, com poalha de esmaltes e palhetas de ouro intercaladas, em armação de ferro forjado. A 15,5 diam. 26,2 cm. Assinado DAUM NANCY FRANCE e L. MAJORELLE

Também em ofício endereçado, em 15 de Novembro, ao mesmo coleccionador, o Director do Instituto Português de Museus afirma «o grande êxito que a exposição 'UM SÉCULO DE ARTES DO FOGO' obteve junto do público e da crítica»; e promete: «As condições por nós exigidas aos níveis da embalagem, transporte, conservação e segurança serão as mais rigorosas tendo em vista a preservação da integridade das obras de arte presentes».

Isto dá a medida do valor e da importância da Colecção.

Tendo anuído a estas solicitações o Arquitecto Pádua Ramos, a exposição da referida colecção estará patente ao público no Centro Cultural de Hesselhuis desde 25 do corrente mês até Abril.

Posteriormente, prevê-se que venha um pouco para mais perto: para o Museu Soares



EMILLE GALLÉ. Candeeiro/Flores de cucurbitáceas). Cerca de 1920. Vidro moldado a sopro, em duas camadas, gravado a ácido. A = 31,2 Diam = 29cm. Assinado GALLÉ

dos Reis, no Porto, pelo que a visita se torna mais acessível aos nortenhos.

É extremamente gratificante para todos nós, Portugueses, ver um Português alvo de tão grande distinção (aliás merecida), em terras estrangeiras. Mas para os Fangueiros, em especial, dadas as ligações familiares e afectivas do Arquitecto Pádua Ramos a Fão, torna-se mais importante ainda.

E daqui lhe enviamos o agradecimento de todos nós, em geral, e de Fão em particular:

Bem haja, Senhor Arquitecto, por levar aos meios culturais estrangeiros o nome de Portugal; por prestigiar «lá fora» a cultura portuguesa; por demonstrar em terras estranhas que em Portugal, a despeito de todas as dificuldades e limitações, a Arte também existe; e que a palavra Artista que o Senhor tanto tem prestigiado, não é aqui uma palavra vã!

BANDEIRA VERDE PARA ESPOSENDE

A cidade de Esposende foi distinguida no Concurso Nacional de Limpeza Pública Urbana «CIDADES LIMPAS — 1994» na categoria a que concorreu, devendo em data oportuna ser entregue a bandeira e o diploma.

A bandeira apresenta, sobre fundo verde, uma flor branca, estilizada, simbolizando o esforço dos municípios em transformar os aterros em espaços verdes.

Esta distinção, motivo de orgulho tanto para a autarquia como para a população, acarreta responsabilidades redobradas. A autarquia deverá insistir na melhoria dos serviços prestados. Por parte da população espera-se a continuação da cooperação, seguindo as instruções dos serviços de recolha e limpeza.

A Bandeira Verde evidencia a necessidade de colaboração entre as partes envolvidas, entre quem limpa e quem não deve sujar, pois a Cidade Limpa apenas poderá resultar dos esforços conjuntos da Câmara Municipal e da população de Esposende.

HÁ QUEM CHAME MILAGRE!... A efeitos violentos, causados por emoções fortes

Por ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

O sol, ainda não aparecia e estávamos em Maio. Às apalpadelas, procurava a varanda da casa... tinha nascido com seus lindos olhos verdes... tão verdes como a esperança de um dia os tornar a ver; é essa esperança que lhe dá forças para viver... todos lhe dizem que é a mais linda menina da freguesia e que só o Macário, filho da tia Rita, tem olhos iguais aos seus.

Porque quero o sol?...

Porque procuro tão desesperadamente este único amigo? Ele penetra nos meus olhos sem luz, sentindo um clarão que me ilumina o corpo e a alma.

— Ana Bela, sabes que dia é hoje?...

— Não sei não, minha mãe.

— É o dia 25 de Junho e fazes dezasseis anos. Linda idade para quem tem olhos... Quando vais um pouco à varanda tantos são os rapazes que vêm às grades para te ver e quase todos os dias leio cartas, de apaixonados teus.

Não lês nenhuma do filho da tia Rita. Tão pouco o vês, nas grades.

— Para que quer ele uma cega?... Seria um empecilho, jamais o podia acompanhar... Decorridos os primeiros dias após o casamento, seria pouco o tempo para limparmos as lágrimas um ao outro.

Não, minha mãe; que seja eu só a suportar este martírio em que vivo.

Passaram alguns dias e com a entrada do mês de Junho o sol apareceu radioso. Ana Bela cada dia, mais madrugava para aproveitar, em pleno, a companhia do seu amiguinho, o Sol, ouvir o chilrear dos passarinhos e as vozes que aos seus ouvidos chegavam.

Um dia, ó venturoso dia!, alguém das grades a chamava. Quem se lembra de chamar pela ceguinha?...

— Sou eu, o Macário; já te não lembras do teu companheiro da escola?...

— Tem a voz muito mais forte mas com a mesma doçura...

— Ana Bela podes chegar aqui às grades?

— Sou cega e não devo descer as escadas sozinha.

— Posso avançar as grades para ir ter contigo?...

— A minha mãe não ia gostar; espera que eu peço-lhe para te abrir a porta.

— Ana Bela?... Minha querida.

— Vem cá, mãe; quero pedir-te um favor; viste quem estava nas grades? Ele quer falar comigo. Consentes?... Abres-lhe a porta?

— Macário, entra. Sabes infelizmente que a Ana Bela está cega?

— Sei, mas também sei que o coraçãozinho dela tem olhos e isso chega-me.

Foi subindo e cada degrau lhe parecia uma montanha. Não podia respirar... Amava aquela pequena desde os tempos da escola.

— Ana Bela, meu amor!... Mais me parece um anjo enviado do Céu do que pessoa deste mundo!...

— Aproxima-te, querido. Passo os dias e parte das noites a pensar em ti... Como crescestes... Beija-me e promete que me visitas todos os dias. Eu peço à mãe para te abrir a porta.

Desde esse dia Ana Bela não mais conheceu a tristeza...

(Continua na pág. 9)



BOLETIM INFORMATIVO NR. 008

DEZEMBRO 1994

Após um mês em que metemos férias por conta própria — e achamos que as merecemos — pois assim demos descanso aos nossos leitores, que também as mereciam.

Mês de Dezembro, mês de Natal, mês de todas as benesses, mês de tréguas, e, nós como bons cristãos que nos prezamos de ser e como não travamos grandes lutas, não temos necessidade das tréguas acima indicadas. Assim mesmo, pelo respeito que nos merecem os nossos leitores, e são muitos, a avaliar pelo número de pessoas que nos questionaram o porquê da falta da nossa página no último número do jornal, voltamos a dispender algum do nosso tempo livre para darmos conta daquilo que pensamos de Fão e para Fão. Posto isto então lá vamos;

Fez um ano agora em Dezembro que se efectuaram eleições para as autarquias e como somos bons observadores e conservadores de todos os manifestos que nos chegaram por essa altura, demos por nós a ler atentamente o que nos prometiam os senhores que ganharam as eleições. Para que não haja «esquecimentos» reproduzimos em seguida esse mesmo programa eleitoral, com todas as promessas que então foram feitas, para que daí todos possam tirar as devidas conclusões:

URBANISMO E REDE VIÁRIA

- 1 — Arranjo das ruas e respectivos passeios de Fão.
- 2 — Recuperação urbanística da zona antiga de Fão.
- 3 — Arranjo e recuperação da zona marginal beira-rio.
- 4 — Arranjo do acesso ao Ofir e zonas circundantes.
- 5 — Nova ligação entre Ofir-Apúlia e a Nacional 13.
- 6 — Dar início à segunda fase de Habitação Social.
- 7 — Plano de pormenor para a zona de expansão de Fão.
- 8 — Continuação dos trabalhos do G. T. L. na recuperação da zona antiga de Fão.

COMENTÁRIO

Apenas iremos constatar factos e não emitir juízos de valor para que não nos acusem de sectaristas ou defensores de politiquices baratas.

Lendo atentamente o que acima se descreve como plano de intenções, o que é que vemos iniciado ou concluído? Nada.

No primeiro ponto, ou seja, arranjo das ruas e respectivos passeios, lembramos, a propósito, por ser um caso que se arrasta há de-

masiado tempo, a Rua dos Veigas, vulgo Ramalhão. Para quando a conclusão das obras que haviam sido prometidas com pedrinha de basalto e ao que consta já nem assim será? Esperemos para ver.

Nos restantes pontos nem emitimos qualquer comentário pois afigura-se-nos difícil comentar coisas que não existem, nem se vislumbra o seu início.

Creemos, como bons ouvintes, que isto foi prometido para este mandato que termina em 1997. Será???

DESPORTO, CULTURA, TEMPOS LIVRES

- 1 — Conclusão das obras do ginno-desportivo.
- 2 — Aquisição de uma casa característica de Fão para aí instalar um museu.
- 3 — Dinamização da Escola Profissional de Esposende (em Fão acrescentámos nós).
- 4 — Construção de um poli-desportivo nas Pedreiras.
- 5 — Tratamento da zona desportiva/re-creativa ao longo da estrada da praia.
- 6 — Promover a animação turística da vila.
- 7 — Dinamizar o Centro Cultural de Fão com exposições, conferências e outras manifestações.
- 8 — Apoiar todas as instituições de Fão.
- 9 — Criar parques infantis.
- 10 — Fazer com que Fão se vire para o rio aproveitando dele todas as potencialidades.

COMENTÁRIO

GINNODESPORTIVO — Após meses de alguma incerteza, eis que começaram as obras desta infraestrutura que tanta falta faz a Fão. Não foi por acaso que pressionamos o quanto pudemos para que as obras se iniciassem e temos informação de que o pavilhão estará concluído em Agosto; desta ano de 1995 não é verdade?

Aquisição de uma casa para Museu — Fomos também já devidamente informados de que a casa já foi adquirida e está em estudo o projecto de remodelação do interior da mesma com o que nos congratulamos nós e toda a população, pressupomos.

Poli-Desportivo nas Pedreiras — Também nos informaram de que está para breve o início destes trabalhos, mas como nos pareceu que era apenas hipótese, não concluímos que fosse para este ano. Vamos aguardar pacientemente, pois parece-nos que as Pedrei-

ras, que também vota, merece alguma coisa da nossa Junta. Vamos acreditar que sim.

Tratamento da zona desportiva ao longo da estrada da praia. Miragem!!! Sem mais comentários.

Promover a animação turística da vila — Da nossa não deve ser, pois até agora não vislumbramos qualquer iniciativa nesse aspecto.

Apoiar todas as Instituições de Fão — Será que isso não é obrigação da autarquia para que tivessem perdido tempo a prometer em campanha eleitoral? E será que está a ser cumprida essa obrigação? Ficamos à espera de resposta convincente, para não sermos má-línguas.

Criar parques infantis — Foi substituído um que já existia no mesmo local e disso já demos o devido relevo em anterior comunicado, mas temos espaços para outros, não é verdade? E, além de mais, estão prometidos.

Fazer com que Fão se vire para o rio... Aqui é que a porca torce o rabo. É um projecto audacioso que por isso mesmo não deveria ter sido prometido tão levemente.

Depois de termos levado a efeito uma primeira limpeza do local em frente à Pousada da Juventude, que iniciativas foram tomadas para continuar a consciencializar a população quão importante para a terra seria sermos capazes de levar a efeito a promessa de virar Fão para o rio. Que nós sabemos, nenhuma.

CONCLUSÃO

Ao fim de um ano de mandato, apreciamos devidamente o que foi feito ou iniciado, mas que nos desculpem os visados, pois foi tão pouco que somos levados a escrever que ninguém de bom senso estará satisfeito.

Apenas apontamos factos que pela sua exigência mereciam da autarquia uma retratação pública para explicar devidamente aos fangueiros os porquês de não ter sido conseguido fazer um pouco mais. Não ficava nada mal a quem tem o dever de gerir os destinos do burgo falar ao povo, mesmo não havendo eleições.

Será que houve motivos que se desconhecem para que isso tivesse acontecido? Acreditamos que sim, mas é preciso que alguém o diga claramente para avalizarmos convenientemente essas obstruções. Se assim fosse, todos teriam a lucrar, pois não haveriam especulações que a ninguém aproveita.

Entendidos?

FÃO DE ANTIGAMENTE — A rusga de Fão — 1960



PÁGINA JOVEM Pausa para sorrir

Olá, jovens! Então como estão, desde o ano passado? de boa saúde? E as férias foram boas? Oxalá que sim. Cá estamos, prontos a «arregaçar as mangas» e a trabalhar a sério para vencer mais um ano escolar, não é verdade? Felicidades para todos, são os nossos votos.

A VITÓRIA DO TONINHO

Por **ALTAMIRO MARQUES**

Uns tempos depois, apareceu na aldeia um automóvel preto, com o senhor com quem o Toninho falara na Câmara e uns engenheiros... No dia seguinte as máquinas grandes foram embora e todos ficaram a saber que a tal fábrica grande ia ser construída noutra sítio, distante e melhor. O Toninho tivera portanto razão e embora muita gente, na aldeia, lhe ralhasse... principalmente o dono do prado, porque era egoísta e queria enriquecer em pouco tempo. Não deu ouvidos a ninguém, contando tudo na escola, onde a professora e os colegas ficaram admirados e radiantes. E a professora estava até tão contente, que parecia uma criança! — O prado, tão lindo e verdejante, salvara-se! As rãs continuariam a coaxar no ribeiro, as vacas a pastar e o Toninho a caçar grilos, enquanto do S. João...

Um ano depois, a tal grande fábrica foi finalmente terminada, construída longe do prado e fora da povoação. E então, todos os habitantes da aldeia compreenderam que o Toninho tivera razão, pois a fábrica até cheirava mal e deitava muito fumo preto... E o Toninho sentiu-se muito feliz, porque não só salvara o prado, como contribuíra para o bem-estar e a saúde dos habitantes da sua aldeia.

FIM

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 



TRISTEZA

*Que fizésteis Vós
daquele Inverno?
Porque chora ele,
tanto assim?*

*E, sob o Sol do anoitecer,
vem aquela ausência
do profundo da tristeza,
esmagar aquela rocha
ali, à beira-mar,
chorando trovoadas de desespero
pela sua nunca vivida paixão de amor.*

JOSÉ MARIA VALLE

Dois caçadores andaram todo o dia e não conseguiram caçar nada. Preocupados em não regressar de mãos vazias, não repararam nas horas e fez-se noite.

Incapazes de regressarem a casa naquela escuridão total, dispuseram-se a passar a noite numa cabana abandonada que encontraram.

Como o apetite apertava, um perguntou ao outro:

— Ainda tens qualquer coisa para comer e beber?

O outro respondeu:

— Tenho uma garrafa de vinho, mais nada. E tu?

— Eu? Tenho uma língua seca — respondeu o primeiro.

— Então vamos lá reparti-la — disse o segundo estendendo-lhe a garrafa.

O homem bebeu o que lhe apeteceu e devolveu o resto ao companheiro.

Este disse-lhe então:

— Agora é a tua vez de repartires o que tens contigo. Dá cá!

— Eu, dou o quê? Não tenho nada!

— Mas disseste que tinhas...

— O que eu disse é que tinha uma língua seca, mas agora já a molhei...

★

Um homem de mau génio esteve muito doente e foi depois para um centro de recuperação para convalescer. Quando já estava bem, regressou.

— Então como te sentes? — perguntou-lhe a mulher.

— Eu estou ótimo. sinto-me outro homem.

— Ah, ainda bem, porque eu já estava cansada de aturar o homem que tu eras antes de irs...

ADEUS

Ouvi a tua respiração
A meio da noite.
Só isso.
Ao longe.

Parecia o ruído
Da morte próxima.
Fiquei pensativa.
Tudo o que era sereno.

Tornou-se macabro,
E o martelar das teclas do piano
Faz nascer um ruído
Que sobe e me enlouquece.

Não entendo.
Serias tu ao longe,
Querendo somente ouvir a minha voz
Por já não poderes falar?

Estarás tu ainda vivo?
Sinto que as minhas forças se esvaem.
E desfaleço lentamente,
Afundando-me numa latência.

Profunda de alguém
Que não mais existe,
Que já não é
Porque quem ama não volta mais.

MARTA MARIZ MENDES (18 anos)

O BOM JESUS DE FÃO

ALAMEDA

Por CARLOS MARIZ

Como relatámos no n.º 124 de «O Novo Fangueiro», a alameda foi construída por uma Comissão, que foi constituída em 25-5-1881 e trabalhou até 13 de Novembro de 1894.

Esta Comissão entregou a Alameda à Irmandade do Bom Jesus e a canalização da água e fontenários à Junta de Paróquia.

A 6 de Novembro de 1893 constituiu-se a Comissão da Estrada do Mar (ver «O Novo Fangueiro» de 10-XII-1994).

A financiar estes melhoramentos aparece António Veiga da Silva.

Este chegou a Fão, vindo do Brasil, nos finais de Março de 1893. Foi recebido «pelas pessoas mais gradas» com «uma banda de música e foguetes, no meio de calorosas manifestações de regozijo» (n.º 37, de 2-4-1893 de «O Povo Esposendense»).

Em 20-8-1893 «quinze a vinte indivíduos dos mais grados da freguesia ofereceram um opiparo jantar ao sr. Veiga e a sua ilustre família no sítio do Marachão» (N.º 57 de 20-8-1893).

A 9 de Novembro de 1893 regressa ao Brasil. (N.º 65, de 15-10-1893 de «O Povo Esposendense»).

Durante esse período, uma representação avista-se com António Veiga pedindo para que desse o dinheiro do excesso de um conto e quatrocentos mil reis, incluindo os quatrocentos mil reis da Alameda, para a Estrada do Mar. (A obra da canalização fora orçada em 14.000.00 reis). Informavam o sr. Veiga de que a Comissão da Alameda pretendia empregar o dinheiro numa praça de Fão em vez de na construção da estrada para o mar, obra que não queriam fazer. Quem escreve a notícia é o Padre Jerónimo Chaves e pode-se deduzir que foram os homens que se autoproclamaram «Comissão para a Estrada do Mar» que deviam estar na origem da representação.

Contra tal informação reagiu de forma viva a Comissão da Alameda, zurrindo o autor da notícia com palavras pouco meigas e garantindo terem a confiança do sr. Veiga (n.º 53, de 23-7-1893 do referido jornal).

A 6-8-1893 o jornal anuncia a assentação nesse dia da obra de pedreiro, da canalização da água da Arroiteia.

Em Outubro de 1892 o referido jornal publicava um artigo atacando a vereação de 1889/1892, de que foi presidente o fangueiro António Vila Chã dos Reis, acusando-a de nada ter feito por Esposende, só se interessando por aumentos de ordenado do pessoal camarário e por Fão.

A 6-11-1892 o Presidente respondia, sob a epígrafe «Camareando» entre outras coisas o seguinte: «...não há patriotismo porque ao passo que Fão dá 200.000 reis para a rua da Boavista (1); 1450.000 reis para abastecimento de água; 900.000 para a estrada do mar; 1800.000 reis para uma alameda e muitos donativos que facilitam a acção municipal, Esposende, limita-se a fazer festas a S. João e Senhor dos Aflitoss. É muito católico, confesso-o, mas pouco conveniente a embelezar povoações». Data 13-10-1892.

O mesmo jornal, a 23-4-1893, referindo-se à doação por Manoel Pinto de Amorim Campos de duas casas para as escolas de Fão, diz: «Não há muito tempo também, que, o sr. António Veiga... hoje residente naquela povoação, seu torrão natal e então no Rio de Janeiro, remeteu d'ali 400 libras aos seus conterrâneos, que pediu aplicarem em um

bom encanamento d'águas, melhoramento muito necessário naquela freguesia, e na construção de uma estrada de makdam n'um caminho que conduz ao mar».

Em carta datada de 30-10-1893 António Veiga autorizou a entrega à Comissão da Estrada do Mar o saldo da conta da canalização da água. A importância — 600.000 reis — foi entregue ao Tesoureiro da Comissão, João Evangelista da Silva, que era, na altura, Secretário da Câmara Municipal de Esposende e Comerciante em Fão.

O PRIMEIRO BAR FLUTUANTE DE FÃO DATA DE 1842

(Continuado da pág. 2)

dificultava a passagem. Um outro aspecto é que existia o Real Imposto, já por nós referido, que incidia precisamente sobre os produtos que Luiz Pires comercializava. Era quase impossível calcular o montante de pipas vendidas no barco.

Quando Manuel José Barbosa se propôs a cobrar o Real Imposto, foi interrompido pelo pai de Luiz Pires dizendo que o barco vendia entre Fão e Gandra pelo que nada tinha a ver com o imposto lançado sobre os comerciantes de Fão.

Perante este dilema, a única forma de resolver o problema era a Câmara decretar que também ficariam sob aquele imposto os produtos vendidos sobre as águas do rio.

A Câmara Municipal estudou este requerimento e deu uma resposta não muito convincente ao rendeiro que, desiludido voltou a questionar a Câmara afirmando que «a população de Fão comprava o vinho no barco e assim fugia às suas obrigações em relação a ele que rematára o imposto das areias. Solicitava então que lhe deduzissem o montante da renda».

A situação agudizava-se e a Junta de Paróquia vê-se obrigada a interceder junto da Administração de Esposende dizendo que «quatro indivíduos mal intencionados querem destruir o tão importante imposto das areias que permite limpar Fão da grande invasão das areias. Informam que em Janeiro de 1843, não foi feito qualquer trabalho pelo rendeiro o que colocou as ruas de Fão num estado lastimoso. Os quatro indivíduos — parceiros de Luiz Pires — dizem que sobre as águas do rio Cávado tanto podem estar em Gandra como em Fão, por isso não tinha que pagar imposto algum».

A Junta de Paróquia, presidida por Francisco José de Faria, reuniu extraordinariamente, para tratar deste assunto, em 16 de Fevereiro de 1843.

Segundo o Acordão de 28 de Outubro de 1800, não havendo licença para vender, o prevaricador pagaria 6000 reis de multa e se a licença fosse indevidamente utilizada — que era o caso — esta deveria ser-lhe retirada e lacradas as portas.

Em Março de 1843 acabou definitivamente a Taberna Flutuante de Fão.

Manuel Albino Penteado Neiva

Assim, a alameda foi construída por fanguieiros e com dinheiro destes e entregue à Irmandade do Bom Jesus (2).

Passaram-se anos — um século! — em que a Irmandade sempre zelou pela Alameda, pagando todas as despesas de reparações, podas das árvores, novas árvores, arranjo dos jardins e limpeza. Para isso tinha um zelador pago unicamente pela Irmandade.

Aqui, nem a Junta de Freguesia de Fão, nem a Câmara Municipal tiveram qualquer interferência sobre o pedido ou com autorização da Irmandade. Até os primitivos postes de iluminação pública eram propriedade da Irmandade.

NOTA — 1) Trata-se de um empréstimo contraído pela Junta de Paróquia de Fão para expropriar dois prédios em ruínas, para facilitar o acesso ao mar. 2) Acta Irmandade de 27-11-1893.

(Continua)

EXPOSIÇÃO

Brinquedos Portugueses — Colecção Carlos Anjos — de 12 de Dezembro de 1994 a 30 de Janeiro de 1995.

Módulo 1: Museu Municipal — Mostra de Brinquedos em diversos materiais. **Módulo 2: Biblioteca Municipal** — Mostra de Brinquedos exclusivamente em papel.

Abertura ao público: As visitas são gratuitas e decorrem nos horários normais dos respectivos serviços. Para grupos superiores a 10 elementos deverão fazer marcação antecipada.

Museu Municipal de Esposende, Rua Barrão de Esposende.

Terça a sexta das 09.30h às 12.00h e das 14.30h às 17.00h. Sábados e domingos das 15.00h às 18.00h. Encerra às segundas e feriados.

Biblioteca Municipal de Esposende, Rua do Arco.

Segunda a sexta das 09.00h às 12.30h e das 14.00h às 17.30h.

Se és bairrista utiliza o banco local
Se és bairrista usa o Correio da terra
Se és bairrista faz as compras em Fão



DE ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

FAMÍLIA: INSTITUIÇÃO SECULAR

Outro ano se inicia e os problemas sociais vão deslizando numa sucessão infinita, na busca do melhor para a vida humana, pela unidade da Família, a instituição secular base da Nação.

«Para que a Família seja indissolúvel tem de haver estabilidade o que requer a criação de condições propícias à sua concretização, por parte do Estado e da sociedade em geral», esta uma das conclusões do congresso Diocesano da Família, realizado no Porto e, onde se relevaram algumas das causas motivadoras de inúmeras preocupações de natureza familiar.

Jovens e menos jovens, o povo, dizem a cada passo: «O futuro a Deus pertence» cabendo então, aos Homens, preparar as gerações de modo a receberem os apoios por que sempre ansiaram.

O Ano Internacional da Família, convencionado para celebrar a instituição, nada trouxe de importante para a salvar dos malefícios apelidados de vida moderna, de novidades da era espacial. Mas, temos de reflectir; que apoios, ou obrigações, para a instituição Família? Que tentaram os poderosos, na Conferência do Cairo, em defesa da Família? Nada, a não ser o reconhecimento do valor e da importância da vida humana.

A ganância do poder, arrasta outros vícios que provocam a revolta e a luta de contrapoder. Pela inércia, quanto à renovação de estruturas sociais estáveis; pelas injustiças cometidas com o abuso do poder; pelas atrocidades em detrimento da Vida; dos evidentes sinais exteriores de riqueza, um pouco por todo o lado, com proveniência duvidosa, tudo leva a crer que o poder material tenta subverter a unidade da Família.

Não se julgue que o fenómeno em reflexão é exclusivo de uma qualquer região. Não! e, se dermos uma vista ao panorama que nos rodeia no Concelho de Esposende, vamos-nos cruzar com os discípulos de tão enganosa doutrina. Os perversos que destroem os princípios morais da família, os prepotentes que infligiram danos em membros de muitas famílias.

«Nenhum homem recebeu da natureza o direito de mandar nos «outros», disse o filósofo francês Denis Diderot. Os perversos e os prepotentes, nunca mais se convencem. Será o pecado que a Humanidades nunca lhes perdoará.

SAÍRAM AS PRIMEIRAS LAMPREIAS DO CÁVADO

Embora a época da lampreia, conforme a Portaria 565/90 do Secretário de Estado das Pescas tenha definido a sua abertura para 1 de Janeiro de cada ano, já saíram as primeiras lampreias, no rio Cávado.

Na época baixa do turismo, nesta zona do litoral, integrada na região do alto Minho, a lampreia constitui a sua melhor atracção pois, a gastronomia não a dispensa, a tal ponto que os nossos vizinhos da Galiza invadem hotéis e restaurantes em busca de tão apetitoso pitéu.

Os rios Minho, Lima e Cávado, no período do ano que vai de Janeiro a 15 de Maio são procurados intensamente, na procura e na captura da lampreia, dado tratar-se de período curto durante o qual, faz a desova nas águas dos rios.

Desde tempos remotos, a «pesca» da lampreia mereceu cuidados muito especiais. É que a desova, permite a sua entrada nos rios, onde as condições de captura estão facilitadas. Aliás, nas inquirições paroquiais de Maio de 1758, refere-se a esta actividade: «Toda a pescaria he livre, e em todo o tempo, menos desde o princípio de janeyro ate a Paschoa, no qual so a Serenissima Caza de Bragança pode mandar pescar com redes atracando pera se pescarem lampreas...»

Vê-se o cuidado dos legisladores do século XVIII na preservação das espécies do rio Cávado e, por outro lado, garantir a actividade do pescador da Ribeira Cávado.

As primeiras lampreias da época, apesar de ocorrer em 20 Dezembro findo, foram apanhadas, em Esposende: pelo Chana, junto à foz, ao bicheiro; em Fão, o filho do Sérgio do Fojo, também de bicheiro. Valeram os exemplares apanhados, entre os oito e os dez contos. Nada mau!

RECITAL DE CANTO SOBRE O NATAL

Na igreja Matriz, em 23 de Dezembro findo, realizou-se um recital de canto e de poesia sobre o tema Natal, de autores consagrados, dos séculos XVIII/XX.

Participaram no recital, o Grupo Coral de Esposende e o Grupo Polifónico Masculino de Antas (Esposende), e o Grupo de Pequenos Cantores da Escola de Música de Esposende.

O recital teve como objectivo as comemorações do bicentário do órgão de tubos, instalado na igreja Matriz, e que deu origem a notícia mais desenvolvida na edição de agosto/94.

O recital foi dirigido pelo prof. António Capitão Ribeiro.

PUBLICAÇÕES: ESPOSENDE, REVISTA

A Câmara Municipal de Esposende distribuiu a revista semestral, sobre as suas actividades, em Dezembro findo.

Publicação muito ilustrada, luxuosa e a cores, relata as actividades do Município durante o mandato em curso, em especial, nas Vilas de: Apúlia, Fão e Forjães.

A Junta de Freguesia de Forjães lançou um Boletim Informativo, sem indicar a periodicidade, mas com o objectivo de «única e exclusivamente constatar factos» relacionados com as actividades da Vila.

O exemplo de Marinhas está a frutificar. Ainda bem!

★

«O Diabo à Solta» é uma publicação editada pelo Centro Social da Juventude de Mar, onde se procura desmistificar algumas das lendas relacionadas com o Apóstolo S. Bartolomeu, em Mar, sobretudo, quando das festividades em sua honra. É seu autor, o Padre Dr. Carlindo Vieira, que foi pároco da freguesia de Mar.

PLANO E ORÇAMENTO DA CÂMARA APROVADOS EM ASSEMBLEIA MUNICIPAL

A discussão da proposta do executivo Municipal, em agenda bastante carregada, aprovadas por maioria na reunião da Assembleia Municipal, realizou-se em 23 de Dezembro findo, tendo ocupado o período da manhã.

Da ordem do dia, as alterações ao Plano de Pormenor da Zona centro da cidade, a taxa da contribuição autárquica para 1995 (1.3) sobre o rendimento colectável dos edifícios e, bem assim, a 2.ª revisão do Plano de actividades de 1994, foram pontos esclarecidos e aprovados, tal como o empréstimo, em regime de conta-corrente, no valor de 20 mil contos.

O Plano e Orçamento, dos Serviços Municipalizados, inclui obras de interesse para a melhoria da qualidade de vida. Por isso, é de salientar: a construção de Estação de tratamento de lamas, em Fão e de águas residuais, em Marinhas e Antas; abastecimento de água a Gemeses e Palmeira, e o saneamento básico a Guilherme (Antas); o progressivo aumento do custo de água, a partir de Janeiro. Esclarecido, igualmente, dos prejuízos elevados na exploração dos Serviços Municipalizados (88 mil contos), em 1994.

Plano e Orçamento da Câmara Municipal, apesar dos esclarecimentos dados no acto da apresentação, autarcas e oposição insistiram pelo reforço de dotação de verbas, também, de alteração de propostas em melhoramentos nas freguesias. Contudo, a argumentação do presidente do Executivo inviabilizou tais pedidos e por falta de verbas.

Assim, no Plano e Orçamento para 1995, prevê-se, além da continuação da construção da piscina municipal de Esposende (Aquaparque) 500 mil contos: construção da Marginal de Fão e os acessos a Ofir; construção da Estrada real, em Marinhas; ligação Foz do Neiva/Forjães (300 mil contos).

Destaque para os sectores mais dotados no orçamento: Cultura e desporto que inclui a construção dos pavilhões gimnodesportivos; combate à pobreza (300 mil contos); habitação social, com 34 casas em Esposende, 30 em Apúlia para realojamentos, e em Marinhas; desenvolvimento na construção do parque industrial, além de amplo aproveitamento de



Estacada para as lampreias, junto à Ponte de Fão

(Continua na pág. 13)

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

TITO ALFREDO EVANGELISTA E SÁ, ADVOGADO E VEREADOR SERVINDO DE PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

Torna público, para os efeitos previstos no art.º 7.º do Regulamento da Tabela de Taxas, Licenças e Outras Receitas Municipais, que os valores constantes da referida Tabela de Taxas serão actualizados através do acréscimo do coeficiente de cinco pontos percentuais, estabelecido pela Portaria 1093-A/94, de 7 de Dezembro, para o aumento do índice dos vencimentos do regime Geral da Administração Pública, com arredondamento, por defeito ou excesso, de harmonia com o estipulado no referido artigo.

Mais se torna público que as novas Taxas entrarão em vigor no prazo de quinze dias após a data de afixação do presente edital, de acordo com o estabelecido no n.º 2 do citado art.º 7.º

Para constar e devidos efeitos, se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume e divulgado através da imprensa local.

Esposende e Paços do Município, 03 de Janeiro de 1995.

O Vereador servindo de Presidente,

Tito Alfredo Evangelista e Sá, Dr.

PROSIURB

A Câmara Municipal de Esposende viu aprovada a sua candidatura ao Programa de Reabilitação Urbana — PROSIURB, que se destina a investimentos a realizar em Esposende.

O Prosiurb visa a promoção e a melhoria da qualidade urbana de cidades e centros urbanos de média dimensão, em particular as sedes de concelho e quer contribuir para a fixação das populações, evitando a desertificação humana e económica.

A candidatura de Esposende, que foi aprovada pelos responsáveis do Programa, vai permitir a realização de um volume de obras que ronda os 650 mil contos, valor financiado em partes iguais (50 por cento) pela autarquia e pelo Governo.

Os meios financeiros disponibilizados vão ser canalizados, na sua maior parte, para a reabilitação das zonas antigas de Esposende e para a promoção do desenvolvimento económico, através da criação de infraestruturas de apoio a criação de indústrias.

As obras a lançar incluem a Zona industrial, que fica sediada nas freguesias de Marinhas, Gandra e Palmeira de Faro, a construção de um parque de estacionamento subterrâneo no Largo Dr. Fonseca Lima e o arranjo de várias artérias e largos, a saber:

Rua Conde de Castro, Rua Barão de Esposende, Largo do Pelourinho, Largo Tomaz de Miranda e Largo da Feira.

O contrato-Programa rubricado pelo Presidente da Câmara vem dar sequência ao trabalho realizado pelo Gabinete Técnico Local, GTL, o qual se encontra em pleno funcionamento, como o apoio do Ministério do Planeamento e Ordenamento do Território.

PASSAGEM DE ANO NO HOTEL OFIR

Como vem sendo tradição, o Hotel Ofir realizou na noite de 31 de Dezembro a sua passagem de ano.

A publicidade foi mínima mas a casa encheu, ou melhor, já estava cheia antes do fim do mês.

Na festa tomaram parte dois conjuntos sendo um deles aprovado pelo nosso conterrâneo Albano.

Não há dúvida que este esposendense radicado em Fão vingou e hoje qualquer festa realizada em hotéis ou restaurantes já não passa sem ele e o seu conjunto. Se o Albano não fosse de cá, seria melhor apreciado pois, com diz o povo «Santos da terra não fazem milagres».

No entanto, o prato forte da noite foi sem dúvida a exibição de Carlos do Carmo. Lindas canções, quer a letra quer a música, boa voz e a arte de bem cantar constituem a singularidade deste fadista lisboeta.

Emolduram os seus cantares tanto a preocupação social como a vertente lírica e desta simbiose resulta uma mensagem que eletriza a plateia.

Carlos do Carmo, um fadista tout court, sentiu-se lisongeado ou no seu ambiente, pois aquele povo que ali se encontrava fez coro com ele ou substituindo-o em parte das suas canções. Para segurar uma multidão de mais de 600 pessoas, todas bem comidas e bem bebidas, num silêncio esmagador, é preciso ter muita qualidade.

Afinal o minhoto, o tal parolo la de xima, sabe honrar aquilo que é bom, aquilo que tem valor, aquilo que tem mérito.

O menu satisfaz também os gostos mais exigentes; o apronto, a solicitude do pessoal estiveram imbatíveis e quando assim é, quando há sintonia em todos os sectores numa reunião deste jaez, só resta endereçar os parabéns aos responsáveis que por sinal são nossos conterrâneos.

COMISSÃO DE FESTAS N.ª SR.ª DA BONANÇA

RTELATÓRIO E CONTAS DO ANO DE 1994

«DESPESAS»	
Conjunto (Oliveira Duarte)	160.000\$00
Conjunto (Tifosi)	150.000\$00
Banda de Música (Moreira de Lima)	170.000\$00
Zés Pereiras (Barcelinhos)	90.000\$00
Grupo Folclórico de Palmeira do Faro	50.000\$00
Grupo Folclórico de S.ª Marinha de Rio Tinto	42.500\$00
Grupo Folclórico Os Sargaceiros de Apúlia	GRATUITO
Fanfarras de S. Bartolomeu do Mar	80.000\$00
Aluguer do palco (Gemeses)	50.000\$00
Aluguer do coreto	40.000\$00
Aluguer da aparelhagem de som para Ranchos	30.000\$00
Rufino Soares (andores)	20.000\$00
Florista	86.000\$00
E.D.P.	57.332\$00
Arraial (Casa Correia)	500.000\$00
Fogo (Viana & Filhos)	250.000\$00
Licenças	16.612\$00
Seguro para fogo	13.353\$00
Almoços (Zés Pereiras e homem do som)	10.000\$00
Vários (selos, corresp., telefones, etc.)	10.000\$00
TOTAL DE DESPESAS	1.825.797\$00

«RECEITAS»	
Lista (Areosa sul)	204.960\$00
Lista (Areosa norte)	121.400\$00
Lista (Pedreiras)	181.700\$00
Lista (Ramalhão norte)	352.600\$00
Lista (Ramalhão sul)	328.050\$00
Lista (empregados Hospital)	55.600\$00
Lista (Café Girassol Apúlia)	20.000\$00
Lista (Praia e outros amigos)	367.400\$00
Pachá	340.000\$00
Câmara Mun. de Esposende	100.000\$00
Junta de Freguesia de Fão	37.500\$00
Comissão cessante	83.000\$00
Diversos	17.500\$00
Serviços de Bar	41.900\$00
Peditório durante a Procissão	56.000\$00
Governo Civil de Braga	40.000\$00
TOTAL DE RECEITAS	2.347.610\$00
TOTAL DESPESAS	1.825.797\$00
TOTAL RECEITAS	2.347.610\$00
SALDO	521.813\$00

A Comissão agradece a todos os fangueiros e amigos desta terra.

P'la Comissão

Casimiro da Costa Pereira

Dr. Manuel Alves Coutinho

Já com o jornal no prelo, tivemos conhecimento da morte em Esposende de outro querido amigo de estudos, dr. Coutinho, natural de Gemeses.

Éramos amigos há mais de 50 anos. Com muita persistência e insistência tirou o curso de História. Era um estudioso dos costumes da sua terra, chegando a publicar alguns artigos sobre o tema.

Infelizmente uma trombose ou uma série delas cortaram-lhe a vida.

Um sentido adeus, bom amigo.

DE APÚLIA

ESPORÃO DAS PEDRINHAS — A notícia, não sendo aquilo que se esperava e se desejava, e até se impunha, não deixa de ser uma boa notícia. O Esporão das «Pedrinhas» vai ser amputado em mais 30 metros. Toda a gente estava a esperar que o corte, como da primeira vez, andasse pelos 100 metros.

Mas, do mal o menos. O importante é que os responsáveis compreendam (como parece que compreenderam), que aquilo não pode ficar assim.

Agora, vão ser retirados 30 metros. Numa altura má, segundo os pescadores da zona, devido à violência tradicional do mar, e ao sentido das correntes marítimas nos meses do inverno.

Importante é que os responsáveis directos tenham compreendido que o esporão das «Pedrinhas», é o principal factor da destruição das praias de Apúlia. E por isso, outras destruições, de outras dezenas de metros se seguirão.

ÓBITO — Era natural de Cristelo, Barcelos, onde nasceu em 6 de Janeiro de 1947, filho de António de Azevedo Gomes Moreira e de Maria Gomes Ferreira.

Menino, ainda, apareceu por Apúlia acompanhado do pai, a vender sardinha. Casou com uma apuliense, e por cá ficou.

Expansivo, alegre, popular e aberto, depressa e facilmente se adaptou ao ambiente da sua nova terra. Era conhecido por o «Grilo», e ninguém o tratava por outro nome.

Na ânsia de melhor vida, deu o «salto» para França, já lá vão muitos anos.

Veio passar o Natal com a família e os amigos, como o fazia habitualmente. Ia regressar novamente àquele País, mas desta vez só até Março, pois

já tinha projectos para o futuro, em Portugal, em Apúlia, a partir desse mês.

Mas os projectos, muitas vezes, não passam disso mesmo. No último dia do ano, dia de festas, um incómodo que parecia banal, o transporte apressado para o Hospital, e a morte, algumas horas após, no S. João, do Porto.

Chamava-se FRANCLIM FERREIRA MOREIRA, e acabou os seus dias no último dia do mau ano de 1994. E mais cedo ainda, ficou em Apúlia para sempre.

Deixa viúva a Senhora D. EMILIA MARIA DE ALMEIDA.

Os nossos pêsames para todos os seus familiares.

TEATRO — Era uma tradição linda, de que os apulienses se orgulhavam, que se foi perdendo, levada pela civilização.

Uma vez ou outra, em anos de maior entusiasmo, lá se iam repetindo com maior ou menor número de espectáculos, mas sempre com muito êxito, as peças teatrais, que deram nome a Apúlia e marcaram toda uma época.

Agora, um grupo de apulienses, a grande maioria jovens, vai levar à cena, no Salão Paroquial, a peça dramática em 3 actos «PENA DE MORTE», que será complementada com a comédia «JULGAMENTO NO SAMOUCO», no dia 1 de Janeiro de 1995.

Em perspectiva uma boa noite cultural no primeiro dia do ano novo, em Apúlia.

GAIVOTA — Já está devidamente oficializada com a Escritura Pública efectuada no Cartório Notarial de Esposende, a ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO AMBIENTE DE APÚLIA (Gaivota).

Desde 7 de Dezembro de 1994 que Apúlia tem uma Associação com personalidade jurídica, vocacionada para defesa e protecção da sua paisagem, e do seu meio ambiente.

PRESEPIOS — O Natal não é só época de rabanadas e do arroz doce, dos mexidos e da aletria... É, também, época de Presépios, bem mais bonitos e com mais significado do que as modernas árvores de Natal.

Mas há Presépios e presépios. E se a grande parte se resume ao estábulo e às vaquinhas, e, claro, à presença luminosa do Menino que mudou o destino do Mundo, outros há, tão completos e complexos, que até obrigam a «parar o trânsito» para ver.

Desculpe-se o «calão», mas é isso mesmo que tem acontecido junto ao Cruzeiro, para admirar um Presépio que é uma obra de arte, pensada, feita e montada, pelo amigo JOSÉ CARVALHO, um homem que nasceu artista. Como são prova disso mesmo, as suas pinturas, os seus desenhos, e até algumas impressionantes esculturas.

Vale a pena parar para ver aquela pequena (grande) obra prima. Ali tudo tem vida, tudo tem cor, tudo tem significado. Aquilo, mais do que um Presépio para menino ver, é uma mensagem de paz, de amor e de esperança.

Se se contabilizassem as horas e os materiais ali consumidos, quantas centenas de contos seriam necessárias para o pagar...

Parabéns ao Zeca Carvalho, à sua arte e, sobretudo, à sua paciência.

HÁ QUEM CHAME MILAGRE!...

(Cont. da pág. 3)

Já não era o Sol o seu melhor amigo, mas sim o seu amor: o seu querido Macário. Não tinha fim aquele idílio!...

Estava bem recompensada do martírio que viveu desde que acabou por cegar no horrroso momento em que o seu querido pai morreu.

Os médicos diziam que ela podia recuperar a vista se voltasse a sentir um choque moral violento.

— Minha mãe, quero falar-te mas não quero que fiques a odiar-me...

— Não digas nada porque eu já alguns meses que sei. O Macário quer casar... marca o dia que eu vou falar com os pais dele.

Ana Bela, beijou a mãe com grande ternur; dizendo: não há no mundo mãe igual à minha.

Realizado o casamento, Macário foi viver para casa da esposa.

Decorridos alguns meses, Ana Bela teve uma menina, ficando muitíssimo fraca chegando a perder os sentidos. Só despertou quando ouviu sua mãe e seu marido aos saltos, com a menina nos braços, dizendo aos gritos.

— Ana Bela?!... A nossa menina tem olhos verdes!...

Ana bela impetuosamente senta-se na cama, agarra a filha e diz:

— Meu Deus!... Eu estou a ver os olhos da minha filha!...

Obrigado senhor meu Deus!...

PIZZERIA — CREPERIA — GELATARIA

One Way

TAKE AWAY — ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO — ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE — TELEF. (053) 961566

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade

"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

DESPORTO

Por **JOÃO PEDRAS**

FUTEBOL

Dia de Natal e também de aniversário de aniversário do Clube de futebol de Fão.

Há trinta e sete anos um grupo de briosos fangueiros, seguindo as pisadas dos seus ascendentes de grandes obras realizaram em Fão a começar pelo Hospital. tiveram um sonho e com muito trabalho e sacrifícios financeiros realizaram-no, construindo um campo de futebol que foi baptizado desportivamente com o nome de Artur Sobral. E, no dia vinte e cinco de Dezembro de 1957 a abrir a comemoração do facto, teve lugar um desafio de futebol entre o então nascido Clube de Futebol de Fão e o Gil Vicente, de Barcelos que simpaticamente colaborou na festa. Ano, após ano com maior ou menor pompa, o dia futebolístico não era esquecido. Ainda nos recordamos de mais uma colaboração do Gil Vicente numa época em que a equipa era recheada de bons jogadores brasileiros e treinada pelo então famoso Joaquim Meirim. Nesse jogo, um avançado gilista chamado Marconi, que mais tarde se transferiu para o Sporting de Braga, não pôs o pé em ramo verde porque a exibição do jovem defesa central fangueiro José Cardoso foi impecável. Lembramos isto com muita saudade porque foi na altura em que deixamos de jogar futebol, e optamos por outra via ajudando o Fão, fazendo parte das direcções. mas, o que mais queremos recordar são os dirigentes desse tempo, e sem querermos ferir alguém, não podemos esquecer esses fangueiros abnegados pelo futebol e não só: Os irmãos Vianas.

Entretanto, esta data foi caindo no esquecimento, mas eis que no ano de 1994 aparece uma direcção, que além do bom trabalho que tem realizado, não quis deixar passar em falso este dia, e então teimaram por aquilo a que se pode chamar de esplêndido «quanto a nós», convidando o sr. Presidente da Câmara que assistiu a uma tarde futebolística gostosa. Bem haja a honra que nos deu, o sr. Presidente da Junta; até o sr. Prior esteve uns minutos presente porque os seus afazeres religiosos não lhe permitiram mais tempo. Estiveram presentes os directores fundadores do Clube de Futebol de Fão, os jogadores que nesse dia, há trinta e sete anos defrontaram o Gil Vicente na inauguração do campo de jogos, alguns, infelizmente já falecidos que tiveram a representá-los os seus familiares a todos sendo distribuídos galhardetes a comemorar a efeméride e ao sr. Alberto Figueiredo, Presidente da Câmara Municipal de Esposende foi-lhe oferecida uma bola de futebol.

Quanto às equipas, e aqui o nosso agradecimento, estiveram presentes o Esposende que milita na Segunda Divisão Nacional «B», o Marinhas que disputa a III Divisão Nacional e o Fão

que trilha os caminhos difíceis da recém-criada Divisão de Honra da Associação de Futebol de Braga.

Quem esteve no campo Artur Sobral não pode dizer que a tarde que passou foi aborrecida, pois os jogos mesmo a feijões foram muito bem disputados. Partidas com apenas quarenta e cinco minutos para que todos jogassem contra todos, e assim na primeira contenda Marinhas - Fão o resultado foi um empate a zero, vencendo o Fão por grandes penalidades. No especial Esposende - Marinhas venceu o menos favorito, o Marinhas, por 1 - 0. No prélio Fão - Esposende venceram, como se esperava, os nossos vizinhos por um a zero. Na classificação, taça 1.º lugar para o Marinhas, 3 pontos, taça 2.º lugar Esposende, 2 pontos e taça 3.º lugar Fão, um ponto. A taça melhor defesa direito do torneio oferecida por um antigo defesa fangueiro, foi para o jogador fangueiro Agra. Se existisse o troféu disciplina teria que ser repartido por todos os atletas pois foram inexcedíveis na entrega à luta mas sempre com desportivismo. Em suma, parabéns a todos. E apesar de ser um dia em que as pessoas perdem muito tempo sentadas à mesa, ainda se pôde dizer que estava mais gente que em certos jogos do campeonato.

Foi também agradável ver actuar pelo Esposende dois jovens fangueiros, David Sousa e Pedro Simões. Pena foi que não alinhasse o jogador fangueiro mais badalado do momento, pois como toda a gente sabe faz parte do plantel dos nossos vizinhos, e já militou em várias equipas da 2.ª Divisão Nacional incluindo o Varzim. A gente da bola sabe que estamos a falar de Jó. E já que estamos em festa, porque não recordar por exemplo Xico Glória que tantos anos alinhou pelo Guimarães, o Russo pelo Gil Vicente e mais tarde José Albino de quem até perdemos a conta de quantos clubes serviu, mas na 1.ª Divisão Nacional. Sabemos que foram dois Varzim e Famalicão e ainda continua ligado ao futebol como médico. E não podíamos esquecer o nosso parente Armando Torre que tantos anos jogou no Académico do Porto.

Quer dizer, em futebol, Fão deu e continua a dar brado, mas só individualmente. Bem, recordar tudo isto é muito bonito, mas senão fosse a actual direcção do clube de futebol deitar mãos à obra, talvez não tivéssemos tanto tempo a alinhar estas linhas. Por esse motivo, a página desportiva de «O Novo Fangeiro» atribui-lhes o Troféu de Cinco Estrelas porque a organização da festa foi perfeita.

Assim, mais uma vez demonstraram o bom trabalho que estão a realizar. Parabéns.

CAMPEONATO DISTRITAL DA DIVIÃO DE HONRA DA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE BRAGA

FÃO, 2 — PORTO D'AVE, 0

Como vem sendo habitual em Fão quem manda são os fangueiros, e, mais uma vez a vitória foi convincente e justifica aquilo que sempre temos dito, apesar da boa réplica do adversário na primeira parte. A equipa fangueira nunca deixou de dominar os acontecimentos. Jogou bem, pois para isso tem ótimos jogadores e só até ao intervalo os golos não apareceram, foi por mero acaso. No segundo tempo, o domínio do jogo por parte dos visitados continuou e os golos apareceram, com os simpáticos visitantes a saírem do campo Artur Sobral com certeza a pensarem porque carga d'água estes tipos de Fão não conseguem bons resultados fora de casa.

O Fão alinhou com Zé Maria, Alexandre, Pedro, Valemar e João André, Gonçalo, Sousa, Dió e Paquete, Pinheiral e Domingos.

Marcaram os golos: Paquete e Pinheiral.

TAÇA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE BRAGA

CABREIROS, 5 — FÃO, 3

E o diabo continua a tecê-las. Defrontando para a 4.ª eliminatória da Taça uma equipa da 2.ª Divisão Regional, portanto de escalão abaixo da equipa fangueira, mas que jogando no seu campo de dimensões reduzidas e tirando mais partido desse pormenor do que os fangueiros, o certo é que no fim do tempo regulamentar havia um empate a três golos. No prolongamento os visitados ditaram a lei, marcando mais dois golos e os nossos habilidosos jogadores regressaram a Fão não só aborrecidos por terem sido eliminados da Taça, mas também pela malapata a persegui-los nos jogos fora de casa.

Paciência rapazes, vamos ter fé e acreditar que algo há-de mudar.

C. F. DE FÃO SORTEIO DE 25/12/94

1.º Pémio - 19294 (Televisor); 2.º - 19069 (Bicicleta); 3.º - 235 (Rádio); 4.º - 1246 (Secador) e 5.º - 5914 (Surpresa).

Os premiados têm 30 dias para levantarem os seus prémios.

A Direcção do C. F. Fão agradece a colaboração de todos os fangueiros nesta sua iniciativa.

ECO DO IMAGINÁRIO

Indelicado e meditando,
reparo meu passado, mendigando ao futuro,
doces insígnias de teu amor, minha Sara...
Deixei encadescer-te, bem no cantinho de meu olhar,
e no grotesco silêncio de minha inépcia,
abandonaste na loquaz longevidade sem rumo nem regresso!
Montada sobre a aurora de um novo dia,
teu idóneo espírito, me reflecte lustrosa vontade de,
diante deste corpúsculo,
que me condensa o olhar em desaviso,
declarar-te magestade de minhas desbravadas manhãs!
Espantadiço com teus preceitos,
no desalento das lágrimas que a dor rejeita de meu pranto,
sinto-me sem fado, sem canto...
E, nesta hesitante ilusão que conferes ao Sol,
no momento mais derradeiro deste sonho,
a incorporas plebe de teu sublime interior,
faz do amor: escravo do tempo e da memória,
o regresso sem vitória!
Ópio da memória: o amor, tão raro, tão vago... em mim!
Declaro amar-te, minha Sara!... Intensamente!

JOSÉ MARIA MACHADO DO VALE

Fão, 1 de janeiro de 1995

A TI

*A Ti, que tu podes ver e julgar
Ao Teu Santo nome invocado em vão
Não ouças, não vejas tanta boca falar
A deturpar, a caluniar o irmão*

*A Ti que tudo sabes e vês
Mesmo a inveja que há no coração
A hipocrisia e a malvadês
De quem se proclama de bom cristão*

*E quando das verdades, mentiras fazem
Eu também vítima da inveja do homem
Olha, Senhor, como me consomem
Tantos Fariseus que invocam Teu nome*

*Viveste na terra, mas eras um Deus
Trouxeste do Pai a força suprema
Mas olha para mim, um dos filhos teus
A cruz é pesada, e sou fraca, pequena*

M. ROSÁLIA

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA PRÁTICA DO CORNICHON

I — GENERALIDADES

O CORNICHON faz parte da família das curcubitáceas, como os pepinos, melões e melancias.

Há dois tipos: — *Um liso e outro espinhoso.*

1) Tipo liso:

a) Híbridos partenocárpicos com 35 grãos por grama.

b) Híbridos com predominância para fêmea com 30 grãos por grama.

2) Tipo espinhoso:

Este apresenta-se do mesmo modo que os do tipo liso.

As variedades do tipo espinhoso são as mais apreciadas pelos industriais.

Em face disso, há todo o interesse na escolha de uma boa variedade do tipo espinhoso, híbrido e com predominância fêmea.

Esta variedade tem o nome de «LEANDRO», que produz cornichons de comprimento 3 (três) e diâmetro 1 (um).

II TERRENO

O CORNICHON vai, duma maneira

geral, bem em quase todos os terrenos, desde que tenham *capacidade de retenção de humidade, mas com uma boa drenagem.* Prefere solos permeáveis, quentes e ricos em matéria orgânica.

III — PREPARAÇÃO DO TERRENO:

Convém fazer uma lavoura de 25 a 30 centímetros de profundidade e uma ou duas gradagens para esmiuçar bem o terreno. Os trabalhos efectuados no terreno durante a Primavera não devem ser feitos com os solos muito húmidos.

O *pH ideal* será de 6. Os pH bastante inferiores poderão provocar a blocagem do magnésio.

IV — ROTAÇÃO DE CULTURAS:

Nos terrenos onde se fazem durante vários anos seguidos *cultura de cereais*, convém ver se não haverá ataques de «nemátodos», caso isso aconteça convém fazer um tratamento ao terreno usando *MOCAP 10 G* à razão de 80 a 100 kgs. por hectare.

As *rotações ideais* deverão ser feitas com as culturas de *beterraba, ervilha, feijão, tabaco e cebolas* pois são bons precedentes.

V — ESTRUMAÇÕES

Deverá ser usado o estrume curral sempre que existe uma exploração à razão de 20 a 30 toneladas por hectare devendo ser feita no Outono/Inverno, ou em sua substituição o *adubo orgânico Estreguano* numa dose de 2000 a 3000 kgs. por hectare.

VI — ADUBAÇÕES:

Para serem feitas conscientemente, dever-se-á mandar analisar o terreno, com devida antecedência e em função dos resultados da análise, assim se escolherá o adubo. No entanto, quando não existem análises e atendendo às exigências do CORNICHON, deve-se usar um adubo completo do tipo dum 10-10-20, ou dum 15-15-30 à razão de 600 a 800 kgs. por hectare.

Dada a *sensibilidade do CORNICHON ao cloro*, não convém usar adubos com este elemento.

VII — ADUBAÇÕES DE COBERTURA:

Quando se pretende acelerar o desenvolvimento das plantas, convém fazer uma adubação de cobertura, usando, no caso dos terrenos serem um pouco áci-

dos o *nitrato de cálcio* à razão de 100 a 150 kgs. por hectare. Caso isso não aconteça, este pode ser substituído pelo *nitrato de potássio* nas mesmas dosagens por hectare.

Atendendo a que o CORNICHON é bastante exigente em magnésio, convém fazer também uma adubação utilizando o *sulfato de magnésio* à razão de 80 a 100 kgs pr hectare.

VIII — SEMENTEIRA:

Aconselham-se semear, quando a *temperatura do solo andar à volta de 12° C*, dado que o CORNICHON é bastante sensível às *geadas nocturnas*, se assim não for, a germinação dá-se em más condições, dificultando o desenvolvimento das futuras plantinhas. A *profundidade da sementeira*, deverá ser de 1 a 2 cm e o terreno deve estar ligeiramente húmido.

IX — COMPASSOS DE SEMENTEIRA:

1) Se o terreno poder ser regado, os compassos utilizados deverão ser de:

a) entre linhas 1,50/1,60 metros.

b) entre plantas na linha 1,00 metro.

2) Se o terreno não for regado, os compassos deverão ser:

a) entre linhas 1,70/1,80 metros.

b) entre plantas na linha 1,20 metros.

X — NÚMERO DE PLANTAS POR COVACHO:

Devem ser semeadas 3 (três) sementes por covacho.

Quando as plantas têm uma folha verdadeira, faz-se um desbaste, de modo que fiquem apenas 2 (duas) plantinhas por cada covacho.

NOTA: — Cada quilo de semente dá em média para semear 1 (um) hectare.

XI — CONDUÇÕES DAS PLANTAS:

Quando as plantas têm 40 a 50 cm de altura, encaminham-se no solo, uma para cada lado do covacho. As entrelinhas podem ser limpas mecanicamente, usando um pequeno tractor com grade ou um motocultivador.

XII — REGAS:

A falta ou o excesso de água, podem sacrificar o êxito da cultura.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, INDUSTRIAL E PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO que se encontra, para os efeitos previstos no art.º 118.º do Código do Procedimento Administrativo, em apreciação pública, a alteração aos artigos 16.º e 18.º da Tabela de Taxas, Licenças e Outras Receitas Municipais, conforme propostas do Executivo Municipal, apreciadas, respectivamente, em 6 de Outubro e 17 de Novembro do corrente ano e que mereceram concordância por parte deste.

Qualquer cidadão pode sobre as mesmas exprimir a sua opinião crítica e apresentar sugestões, as quais devem ser formuladas nos termos da disposição acima citada, por escrito, dentro do prazo de TRINTA DIAS, a contar da data do presente aviso.

As propostas de alterações encontram-se patentes ao público na Secção Central, da Divisão de Administração e Finanças desta Câmara Municipal, durante o horário normal de expediente.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Faços do Município, 15 de Dezembro de 1994.

O Presidente da Câmara,
ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO

CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS CIVIL, PRE-DIAL E COMERCIAL DE ESPOSENDE

«COMBUSTÍVEIS NASCIMENTO, LIMITADA»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE - N.º de Matrícula 00620 - N.º de Identificação de pessoa colectiva - N.º de Inscrição 2 - N.º e data da apresentação 03 - 94/10/28

MÁRIO NEIVA LOSA, 1.º AJUDANTE, CERTIFICA, que foi aumentado o capital social da sociedade em epígrafe de quatro milhões e seiscentos mil escudos para trinta milhões de escudos, por reforço de vinte e cinco milhões e quatrocentos mil escudos, em dinheiro, tendo em consequência sido alterado o artigo 3.º, que passa a ter a seguinte redacção:

ARTIGO 3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de TRINTA MILHÕES DE ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas, uma no valor de vinte e sete milhões de escudos pertencente ao sócio ADRIANO DE FARIA NASCIMENTO e outra no valor de três milhões de escudos pertencente à sócia MARIA ALICE CARVALHO VILAS BOAS NASCIMENTO.

O texto completo do contrato na sua redacção actualizada ficou depositado na pasta respectiva.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos onze de Novembro de mil novecentos e noventa e quatro.

O 1.º AJUDANTE,
a) Mário Neiva Losa

Delegação Regional da Indústria e Energia do Norte

EDITAL

PROC.: D-19426/P

Faço saber que MANUEL DE JESUS NASCIMENTO JÚNIOR pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de GASÓLEO E GASOLINA com capacidade de 70.000 LITROS sita em EN 13 — KM.40M600 — FÃO concelho de Esposende, distrito de Braga.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições dos decretos n.ºs 29.034, de 1 de Outubro de 1938 e 198/70, de 7 de Maio, que regularmente a importação armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do decreto-Lei n.º 246/92, de 30 de Outubro, que aprova o regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado decreto n.º 29.034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e a examinar o respectivo processo na morada acima indicada.

Porto, 25 de Outubro 94

O Director de Serviços de Energia
L. M. Vilela Pinto

OBRAS

Na rua que vai da Bonança a Apúlia estão a decorrer obras que visam a construção de um passeio lateral poente e o levantamento de um murete de 40cm de altura.

No lado oposto, ou seja, a nascente, existirá espaço para estacionamento de automóveis.

As obras serão faseadas. Na primeira fase que estará terminada em Julho, a meta será Fagilde.

Outra obra em andamento é a destruição de 30 metros do molhe das Pedrinhas a fim de evitar que o mar continue a cavar o areal situado a sul do esporão.

Todas estas obras estão a ser realizadas sob a superintendência da APPLE - Área da Paisagem Protegida do Litoral de Esposende.

A fim de se preservar a área do pinhal de Ofir, vão ser erguidos 2000 toros de madeira nas zonas limites do pinhal, evitando assim a entrada de veículos automóveis.

Finalmente uma obra há muito reclamada: está em estudo o repavimento de todos os caminhos que se estendem ao longo de todo o pinhal.

CUMPRIMENTOS DE BOAS FESTAS

Tiveram a gentileza de nos enviar cumprimentos de Boas Festas os srs.: Presidente da Câmara, D. Maria Laudomira F. G. de Jesus (Direcção Geral de Agricultura de Entre Douro e Minho), Jornal de Notícias, D. Fernanda de Cortes (Casa do Minho, Lisboa), Rádio de Esposende, Carlos Laranjo Medeiros (Artes e Ofícios Tradicionais), Águas de Serpa Pinto, Federação dos Bombeiros do Distrito de Braga, Dr. Manuel Albino Penteado Neiva, António Viana, Amândio Caramalho (Brasil), Rui Bezeira, José da Silva Martins (Estalagem Zende), Cooperativa Cultural de Fão e Fernando Almeida com os seus postais ilustrados, António Torres (Meilleurs vœux de Nates), Maria Helena Saratva (S. Paulo-Brasil) e Pedro Viana (Guimarães).

Grato pela deferência e Bom Ano.

QUADRA FESTIVA

Árvores de Natal,
Iluminações festivas,
Brinquedos a rodos,
Presépios...
E muitas coisas emotivas
E fora do habitual;

E, nas montras,
Brilhantes e coloridas,
Grandes e pequenos,
Todos
Cravam os olhos
Nas coisas preferidas!...

Mas que bom cheiro a Natal,
Que ambiente musical!...

Tal como os reis Magos,
Fazem longa jornada
Aqueles parentes,
Ausentes,
Para se juntarem todos
Na festiva consoadas.

E depois com que alegria
Se oferecem presentes
A entes,
Amigos e queridos
E não a estes, apenas:
Também desprotegidos!...

E agora tudo a postos
Para esta noite comprida...
Noite revestida
De Paz e de Amor...
Noite vivida...
Noite sentida!...

Mas que noite tão sante esta,
Para toda a família é festal!!!

FLORINDA ALMEIDA

DE ESPOSENDE

(Continuado da pág. 7)

fundos postos à disposição das autarquias.

Ainda durante a discussão do Plano e Orçamento, o presidente da Junta de Freguesia de Forjães, pediu apoio para a Misericórdia, destinado ao equipamento do Hospital de Esposende, ainda encerrado. Alegou a distribuição de verbas que poderiam reverter, antes, para este efeito. Em resposta, o presidente do Executivo Municipal, argumentou que a Câmara Municipal já fez o que lhe competia, não dispondo de verbas. Todavia, disse, se forem retiradas essas verbas, faça-se a proposta para submeter à Assembleia Municipal. Mas o autarca forjanense escusou-se.

No final da reunião apurou-se que a Câmara Municipal participou a Misericórdia em 34 mil contos, entre vários apoios concedidos.

ACTIVIDADE ROTÁRIA FUNDAÇÃO CONCEDE BOLSA DE ESTUDOS

Na reunião festiva de 9 de dezembro findo, o protocolo assinado entre a Fundação Rotária Portuguesa e o Clube de Esposende, institui e concede uma bolsa de estudos a deficiente auditiva e, simultaneamente, presta homenagem ao Dr. Agostinho Rua Reis, um dos fundadores do Rotary local.

Depois do protocolo, a cargo do Dr. Gomes do Vale e do Prof. Manuel Vicente, saudação às bandeiras, com a presença do presidente da Fundação Rotária Portuguesa, Oliveira Santos e do presidente da Câmara municipal de Esposende, na reunião presidida por Joaquim Maria Rodrigues Cruz Lima, foi anunciado o objectivo da noite: atribuição de bolsa de estudos a Ilídia Maria Regado Ferreira Vale, de Esposende. Também, a

escolha do Dr. Agostinho da Rua Reis, para o patrono da bolsa atribuída.

O presidente, numa breve intervenção, apresentou o presidente da Fundação Rotária e, «Rotary como nasceu para pensar nos outros, dar de si e não pensar em si», como filosofia do mandato em curso, deu a palavra a Oliveira Santos.

Feita a leitura do protocolo sobre a instituição da bolsa, Oliveira Santos, de improviso, deu informações sobre a Fundação Rotária e as suas actividades ao longo dos 36 anos de existência; recordou a contribuição, ainda que simbólica, de cada companheiro rotário e as 250 bolsas de estudo atribuídas para o ensino secundário e universitário, de quantitativos a nível da fundação Calouste Gulbenkian.

O patrono da bolsa, Dr. Agostinho da Rua Reis, agradeceu a distinção, dizendo do cumprimento do lema rotary, deixando bem clara a mensagem que é. *Servir*.

Alberto Figueiredo, presidente da Câmara Municipal de Esposende, no uso da palavra, elogiou a iniciativa da homenagem considerando-a justa «para quem muito fez pela juventude deste concelho». Falaram, ainda, o dr. Brás Marques e o dr. Sobral Torres.

O presidente do Clube, Cruz Lima, fez entrega do donativo de 150 contos, para a Fundação Rotária Portuguesa.

Festas nas Escolas

No editorial de hoje já fazemos uma referência ao modo como correu a festa natalícia nas escolas de Santa Bárbara.

Afirmámos igualmente que não foi possível estar presente na escola das Pedreiras.

Damos a seguir os nomes dos alunos premiados na Escola n.º 1 de Fão: Rómulo Sacramento Sobral, Max da Silva Machado, Nuno Alexandre do Vale Gonçalves Pereira, Pedro Miguel da Silva Pereira, Ana Margarida Rei Soares, Catarina Lima da Silva, Cristiana Capitão Vale Belo Cardoso e Marisa Ferreira.

DE VISITA

Do Brasil vieram passar o Natal a casa de seus familiares os nossos prezados amigos e assinantes, os manos Fernando e José Augusto Cardoso e Silva, pertencentes à família dos Silvas de Rio Tinto.

Foi o que pode chamar uma visita relâmpago ou o retorno às raízes.

★

Também esteve a passar as férias do Natal uma nossa conterrânea, casada e a trabalhar nos Açores.

Não nos esqueçamos da oferta que nos fez no Verão passado.

★

Acompanhada de seu marido esteve entre nós a passar a quadra natalícia a nossa prezada assinante Maria de Céu Pedras. Está mais gordinha a nossa conterrânea.

Au revoir, Kâni.

PALESTRA

Em finais de Dezembro realizou-se no Centro Cultural uma mesa redonda sobre benemerência orientada pelo dr. Joaquim Peixoto. A iniciativa foi da Cooperativa Cultural.

A reunião foi inconclusiva, pois não se chegou a uma definição exacta sobre o ser benemérito.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

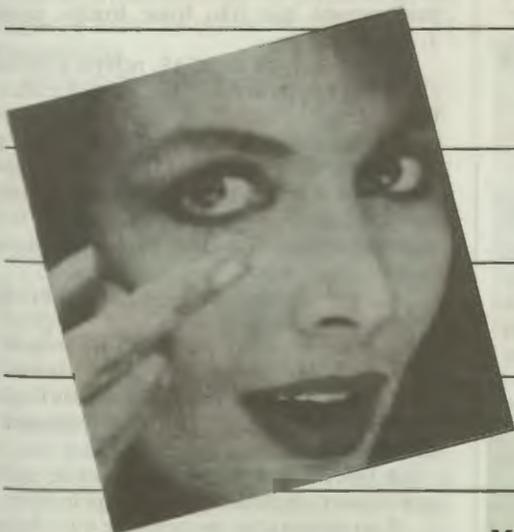
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

Optica Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.



• ÓPTICA
MÉDICA

• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

GABINETE DE OPTOMETRIA
E CONTACTOLOGIA

MARCAÇÃO DE CONSULTAS DE:
OFTALMOLOGIA E OPTOMETRIA

Rua da Misericórdia, 4/6 — Tel. 7 57 77 • 4700 BRAGA

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

É Natal. Não vou falar do conto de fadas tantas vezes escrito, tantas vezes ouvido.
 — Não quero contestar. Quero, mas muito, continuar a acreditar, mas as asas, partidas, rasgadas nas pedras que falam, não nos dão a pureza de outrora.
 Só vejo comércio e o Pai Natal estupidamente a substituir o Menino Jesus.
 Não quero contestar.
 Não há lareira, nem pedra do lar, nem o cheiro de resina das pinhas.
 Quem joga o «par ou pernao»?
 — Não vou contestar.
 A aldeia tornou-se cidade e a cidade vive do exterior. Não tem espírito, não conversa, usa e deita fora.
 Vê as estrelas mas não tem braços estendidos, corre, corre sempre.
 É Natal e vivo na cidade.
 Vejo as estrelas e estendo os braços e páro e entorneço-me e recorro.
 Sou uma ilha onde ninguém desembarca. Mas não vou ser amarga, no meio de tanto doce que não como, vejo e enjojo.
 Gosto de falar no tempo e encontrar os meus símbolos.
 Intentaram outro Natal.
 Mas eu não quero contestar... Eu estou na minha ilha, eu sou uma ilha.
 Sento-me nela, faço muita força para resistir e sinto os meus poetas.
 A poesia não desilude, liberta a nossa alma, mesmo que ela se sinta lá no fundo...
 Não conheço nem concebo nenhum poeta acorrentado...
 Mas não era de poetas que queria falar: eu quisera tentar tirar do esquecimento o milagre natalício e as palavras fugiram-me sem poder detê-las.
 Vim para o meu canto. Há aqui uma grande paz. olho, quase sem ver, o televisor: perto de Famalicão, crianças das escolas fizeram um presépio vivo.
 Assim, sim. Não constesto.
 Contento, saio da minha ilha, em paz com este mundo cão.
 Com tão pouco se contenta, afinal, um poeta velho mas ainda muito incipiente.
 E sabe dessa incipiência e não pode fazer nada para a evitar.
 Resta-lhe estender os braços para as estrelas.
 É Natal e «um pouco mais de azul eu era além».

«FÃO INVICTO»

Sécs. XVIII e XIX

Muitas vezes, determinadas efemérides ocorridas em Fão têm despertado em mim grande vontade e curiosidade em as estudar, considerando a relativa importância de seu valor histórico e cultural.

Hoje venho aqui reflectir sobre o quotidiano da Santa Casa da Misericórdia desta freguesia.



Começemos por alguns acontecimentos preliminares:

A 17 de Junho de 1728, realizava-se um acórdão, em que o Provedor propunha dar um dinheiro a juro, e, ao mesmo tempo mencionava a questão que suscitou Frutuoso da Costa e Almeida, a respeito de uma sepultura que a Mesa pretendia abrir na Capela Mor, para o enterramento de Catarina Pinheiro, a que o dito Frutuoso se opunha, dizendo que estava em posse das sepulturas da Igreja, e em que resolveram tomar parecer com os letrados a semelhante respeito.

A 25 de Abril de 1729, era feita a reforma na Capela, por estar muito baixa, o que sendo tratado com o mestre pedreiro se orçava em 110:000 mil reis, estando concluídas suas obras até ao dia de festa.

A 24 de Julho, era nomeado o P.e Manuel da Silva, Procurado de todos os negócios da instituição.

A 7 de Outubro, tornava-se necessário fazerem-se obras na Capela, assim como debruços nos altares colaterais, endireitar o laggado, etc.

A 17 de Novembro, há outro acórdão em que Manoel Roiz Pacheco e outras pessoas, queriam pôr demandas a esta Santa Casa, sobre umas sepulturas que não apareciam nem clareza alguma; e em que declaravam também que Frutuoso da Costa e Almeida, depois do pavimento da Capela Mór estar composto, ele e seus familiares vieram com ferros do monte e desfizeram tudo. E então assentaram em Mesa, que o Provedor se aconselhasse sobre este atentado, para se não perder os direitos e regalias.

A 7 de Julho de 1731, eram ordenadas as missas pelos Irmãos e sua entrada na Misericórdia, de 480 reis, e quando saísse a tumba para pessoa que não fosse irmão, pagaria 1:200 reis.

A 7 de Agosto de 1735, referia a existência de um requerimento, em que o P.e Manuel Luis Pacheco, demonstrando ser o parente mais próximo de Francisco Leitão, e que por tal, desejava dizer a Missa da manhã, a que a Mesa anuiu, tendo da mesma forma comparecido e com a mesma observação, o P.e Agostinho Carvalho de Oliveira, prestando-se em igual modo.

A 26 de Junho de 1736, era alterado o acordão de 7 de Julho de 1731, a respeito da entrada de irmãos e alteração de missas.

A 20 de Janeiro de 1738, decorria em discussão um acordão, referente a duas Capelas de Missas, que pertenciam ao P.e Manuel Alves dos Reis.

A 1 de Maio de 1746, colocava-se em lanços o novo retábulo para a Capela Mór.

E no mesmo dia, nomeava-se o P.e Manuel Alves dos Reis Capelão Mór, por ter falecido o P.e Dr. Fernandes Monteiro, que tal cargo exercia.

A 25 de Abril de 1748, mencionava-se a necessidade de reparos dos novos retábulos dos Altares colaterais.

José Maria Machado do Valle

Falecimento



Armindo da Rocha Duarte

Em 8 de Dezembro faleceu em Esposende o nosso querido amigo Armindo da Rocha Duarte, antigo Chefe da Estação dos CTT de

Viana do Castelo.

Não o sabíamos doente e constituiu para nós um duro choque a notícia um tanto abrupta do seu passamento. Éramos dois bons conhecidos e quando surgiu à luz do dia o nosso jornal, suscitámos-lhe colaboração a que ele imediatamente aquiesceu, mostrando-se por isso bastante grato.

A sua ajuda a «O Novo Fanguero» durou alguns anos, trazendo consigo a colaboração do neto Tiago. O nosso relacionamento aumentou e naturalmente desenvolveu-se entre nós uma sólida amizade.

Nós admirávamos no Armindo uma certa disciplina aliada a uma notável eficiência. Não se punha em bicos de pé mas apresentava obras: foi autor de uma revista de costumes que atingiu enorme sucesso: *Esposende de relance*; publicou uma História de Esposende e outra dos Correios de Viana do Castelo. Colaborou em vários jornais, ocupou cargos directivos, enfim viveu para a comunidade, para além de ser um dedicado chefe de família.

Aos familiares os sentimentos de muito pesar.

A colaboração sempre amiga do Fernando Almeida



Se és bairrista utiliza o banco local
 Se és bairrista usa o Correio da terra
 Se és bairrista faz as compras em Fão